

OS PIONEIROS (III)

Fotos de Marcia Macedo

Publicamos hoje a íntegra das entrevistas do segundo capítulo de Os Pioneiros, uma série de 20 programas contando a história da construção de Brasília e que está sendo exibido todas as quartas-feiras pela TV Nacional, no horário das 21:15 horas. Hoje, pela TV, você pode acompanhar o terceiro episódio da série. Eis os depoimentos de José de Melo e Silva, Antonio Soares Neto (o Toniquinho), Luciano (administrador do Catetinho), Dona Dolores (cozinheira do Catetinho), Cesar Prates (amigo de JK) e Tião da Onça (um operário dos primeiros tempos da construção). Dentro do programa foi utilizada ainda uma parte da entrevista com Oscar Niemeyer:



Tião da Onça e a equipe de Os Pioneiros



Luciano, o administrador do Catetinho

Tião da Onça: "Quem construiu não tem nada, não"

Marcantônio Guimarães — Nós já estávamos com o programa pronto e de repente encontramos o sr. José de Melo e Silva. Sr. José, qual é o seu papel na história da construção de Brasília?

José de Melo e Silva — É um assunto interessante. Eu estava viajando de Anápolis para Goiânia, em 8 de abril de 1955, ouvindo pelo rádio um discurso do dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, da sede do PSD no Rio de Janeiro. Ele contava que tinha sido chamado dois dias antes pelo presidente João Café Filho para lhe comunicar que os círculos militares não admitiam a candidatura dele. E que ele, então, voltaria a Belo Horizonte, estivera com os Comandantes da ID-4 e da 4ª Região Militar, que eram seus amigos, e eles então lhe disseram que não havia nenhuma restrição à sua candidatura. Então ele voltou ao Rio de Janeiro, a sede do PSD e estava fazendo aquele discurso. Não seria o presidente Café Filho quem ia dizer que ele era ou não era candidato. Ele era candidato à convenção de meu partido, o PSD, e se o PSD o escolhesse ele seria candidato à Presidência da República. Diante daquilo me deu aquela vontade de fazer uma correspondência a ele. Chegando em Goiânia fiz essa carta a ele: "Goiânia, 8 de abril de 1955. Excelentíssimo senhor Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira. Com a presente, venho dizer a V. Exa. o que penso como simples viajante que sou nesta zona, sobre a interiorização da Capital da República e o que representa para o desenvolvimento de oito grandes Estados do Brasil a efetivação dessa medida. Conhecendo bem esta região, pois por aqui viajo há mais de dez anos, sei da importância dessa notável iniciativa, que será, por certo, a redenção do nosso querido Brasil. Aguardando pleno êxito para V. Exa., nesta campanha em que antevio uma grande vitória, firmo-me, com elevada estima e distinta consideração, mui cordialmente. José de Melo e Silva". No dia 5 de maio eu tive uma surpresa muito agradável: recebi esse cartão: "Sou-lhe muito grato pelas boas expressões de sua carta. Elas me emocionaram profundamente, porque atestam seu grande espírito público, e seu sentimento patriótico. O problema que alude e efetivamente dos que demandam solução o mais breve possível e merecerá de nossa parte, se o povo brasileiro nos honrar com seu sufrágio, detido exame para as providências que o assunto requer. Contando com seu apoio e valiosa solidariedade para a vitória de nossa causa, envio-lhe a saudação mais efusiva e cordial. Juscelino Kubitschek de Oliveira. Rio, 22 de abril de 1955".

Marcantônio — Quer dizer que a história de que Toniquinho foi o único a levantar o problema...

José de Melo — A documentação está aqui comprovando. Por uma coincidência eu fui o primeiro a levantar a questão, quando ele ainda era candidato a candidato e que teve, depois, uma vitória estrondosa na convenção do PSD e se tornou candidato. Em outubro, no primeiro comício em Jataí, ele foi perguntado e deu aquela resposta celebre, de que iria construir a Capital.

Marcantônio — O Senhor chegou a essas reflexões através de uma experiência grande de viagens por esta região. O Senhor poderia explicar melhor? (Entrevistador e entrevistado se dirigem ao mapa do Brasil)

José de Melo — Aqui está o quadrilátero. A região em torno dele representava menos de 1% da renda nacional e hoje já temos essa comprovação com quase 30% da renda nacional nessa região. Foi isso, que me fez escrever ao Presidente. Eu já conhecia Mato Grosso, Minas Gerais, não conhecia o Piauí, a Bahia, mas sabia que isso tudo era um deserto naquela época.

Marcantônio — O Senhor acompanhou a construção de Brasília?

José de Melo — Acompanhei. Eu conheço esta região desde 1947. Foi a primeira vez que vim a Formosa, Planaltina, Luziânia, passando por Corumbá de Goiás. Naquela época o trajeto era Anápolis-Corumbá de Goiás-Brazlândia, e se voltava por Luziânia. A gente ia até Formosa, voltava a Planaltina, depois Luziânia, Vianópolis... Era um giro co-

mercial de um representante comercial da época. E é bom mostrar que a carta foi enviada pelo presidente Kubitschek através do Comitê Nacional Interpartidário Juscelino Kubitschek, do Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1955, tendo chegado em Goiânia em 5 de maio de 1955.

Marcantônio — O Senhor nos falou lá fora que ficara emocionado ao chegar ao Núcleo Bandeirante pela primeira vez. Aquelas luzes...

José de Melo — Antes dessa visita do Núcleo Bandeirante fiz uma viagem Brasília para trazer a gerência do Banco da Lavoura e o Superintendente de Goiânia, que abriam uma agência num barraco. Isso foi no dia 18 de fevereiro de 1957. Nessa época chegava-se a Brasília lá pelos lados do Torto. Mas lá pra setembro ou outubro já se chegava pelo Núcleo Bandeirante. Então, quando cheguei à noite e que vi as luzes do Núcleo Bandeirante, luzes de motor, eu senti uma emoção muito grande. Vi ali, nitidamente, o início da construção.

Marcantônio — ... de um certo modo, daquilo que o Senhor provocara...

José de Melo — Pela satisfação de estar participando naturalmente de uma coisa que naquele momento não me fez lembrar da carta que havia escrito ao Presidente.

Marcantônio — O Senhor se fixou em Brasília?

José de Melo — Permanentemente estava aqui. Acompanhei tudo desde a inauguração, não pude vir, mas fiz uma enorme festa em Araguacema, interior de Goiás, onde estava há dias, junto com o Prefeito, que era meu amigo. Foi como se estivessemos aqui. Em 1964 vim para cá.

Marcantônio — Como o Senhor vê o futuro de Brasília?

José de Melo — Acho que Brasília está cumprindo a sua finalidade. A história deste País se divide em antes e depois de Brasília.

TONIQUINHO

Toniquinho — Aqui é Antônio Soares Neto, mais conhecido por Toniquinho, filho de Jataí, cidade do sudoeste de Goiás onde, em 1955, precisamente no dia 3 de abril daquele ano, o nosso inesquecível Presidente fez seu primeiro comício como candidato à Presidência da República. A razão de ter sido esse comício realizado naquela cidade de Goiás é porque, medindo as proporções políticas, Jataí representava o maior reduto do PSD naquela época. Jataí tinha cerca de 5 mil eleitores. Mais ou menos 4 mil e 500 votavam no PSD, comandado naquela cidade pelo líder político Dr. Serafim de Carvalho, contemporâneo de estudo do ex-Presidente. Também uma das razões principais de ali ter sido realizado aquele primeiro comício. E Juscelino, como homem de grande espírito público, um orador incomparável, manifestou também, naquela época, seu desejo incontestável de cumprir a Constituição Brasileira. Inaugurou, também, um sistema de conversação com o povo, como ele mesmo dizia. Ele procurou saber, procurou indagar daquele povo o que, aquele povo mais precisava, o que aquele povo sugeria ao candidato. Eu, então, tive aquela inspiração, de saber do candidato se ele cumpriria o art. 4º das Disposições Transitórias da Constituição, que mandava transferir a capital para o Planalto Central. Então eu perguntei a ele, num momento rápido, fulgurante mesmo, chelo de audácia, quase em desafio, se o candidato eleito mudaria a capital para o Planalto Central. O candidato sentiu, no momento, a responsabilidade da pergunta. Olhou para um lado, para o outro, para todos os companheiros de palanque e, segundos depois, respondeu afirmativamente, que a pergunta tinha sido muito oportuna e feliz, e que a partir daquele momento ele faria daquela pergunta o seu objetivo principal, o da sua campanha e de sua administração, se eleito fosse. E dois anos depois, meus amigos, aquele homem extraordinário, aquele homem público, voltou a Jataí precisamente para dizer ao seu povo, aquela gente simples, que aquela promessa estava sendo cumprida. Que Brasília já tinha entrado em seu ritmo de construção, e que em 1960, antes de findar o seu Governo, ele inauguraria essa grande cidade, que sem nenhum favor e hoje uma metrópole, que nos orgulha e que faz inveja a muita gente que aqui vem, que aqui

visita.

LUCIANO

Luciano — A primeira visita do Presidente aqui no Planalto foi no dia 2 de outubro de 1956, acompanhado para os turistas e eu disse que aqui no Catetinho eu não permitia que ninguém mentisse. Porque dizem que aqui jipe descia de parapequias, cimento e tijolo, também. Não tem nada disso não. É verdade que aqui era atrasado, mas tinha estradas que vinham de Paracatu, Cristalina, Luziânia, Planaltina, Formosa. Então, muitos chegam aqui contando certas histórias mas, como eu já disse, não na minha presença, que não admito falar mal do Juscelino e de Brasília, porque muitas dessas coisas não aconteceram.

OSCAR NIEMEYER
O Catetinho foi a medida inicial para Juscelino poder ir lá aos sábados. Foi um período muito bom, em que a gente ficava conversando sobre Brasília junto com o pessoal que tocava violão. De modo que foi uma época com um pouco de boemia, não é, mas com muito trabalho, muito amor, muita vontade de realizar a nova Capital, e Juscelino a contar as peripécias que ele pensava fazer, que Brasília seria a cidade mais bonita do mundo, com aquele entusiasmo delirante que ele tinha, não é, o que lhe permitiu construir a nova Capital.

DONA DOLORES, A COZINHEIRA DO CATETINHO

Tânia Quaresma — Parece que tinha poucas mulheres na época da construção de Brasília. Como é que a Senhora chegou aqui no Catetinho?

D. Dolores — Bom, eu fui convidada, não é? Eu já tinha trabalhado na campanha do Presidente e durante a campanha eu ajudava a fazer salgadinhos, não é?

Tânia — Onde?

D. Dolores — Em Belo Horizonte.

Tânia — A Senhora é mineira?

D. Dolores — Sou. Ai então me convidaram. Não tinha quem trabalhasse aqui e me convidaram para vir.

Tânia — O que a senhora pensou que fosse encontrar aqui?

D. Dolores — Eu pensei que chegaria numa cidade. Quando cheguei tive a maior surpresa do mundo: nem o próprio Catetinho estava terminado. Só tinha a metade... Era uma espécie de lugar onde se guarda animais e não tinha nem fogão. O fogão era feito de alguns tijolos onde se colocava panelões enormes.

Tânia — A Senhora gosta de cozinhar?

D. Dolores — Gosto.

Tânia — Então é uma profissão com prazer.

D. Dolores — E, e com muito prazer. Eu já era cozinheira, gosto muito de cozinhar, de fazer banquetes.

Tânia — Qual era o prato preferido de Juscelino?

D. Dolores — Bem, quando nós chegamos, eu recebi uma ordem do Dr. Israel para que se fosse feita comida tradicional mineira, comida de roça, sabe?

Tânia — Como era a comida?

D. Dolores — Comida para ser tradicional mineira e de roça tinha que ter frango ao molho pardo, frango com quiabo, angu, que mineiro gosta muito, tutu de feijão, lombo de porco...

Tânia — Juscelino comia muito.

D. Dolores — Comia muito bem. Tinha um apetite muito bom, tinha uma boa boca muito boa, aceitava tudo muito bem. Quando a gente perguntava a ele: "Presidente, o que o senhor quer comer hoje?", ele dizia: "Qualquer coisa". Então a gente caprichava nas coisas pra ele, não é?

Tânia — O que foi que lhe deu mais emoção nessa época de trabalho aqui no Catetinho?

D. Dolores — Um dia... Porque quando eu trabalhei na campanha meu filho e minha filha ficaram de se empregar. Depois, na ida do Presidente para o Rio, a gente ficou assim como um filho sem pai. Ai então eu cheguei aqui e na primeira visita dele eu fui lhe falar. Tinha não sei um ano que eu não via ele. Ai eu tive uma emoção muito grande de falar com ele, de ver ele, como candidato, eu trabalhando para ele, e depois ele como Presidente. Ai, meu Deus! Foi uma coisa, sabe? Tive uma emoção enorme, mesmo. Foi o dia de mais emoção que tive aqui.

Tânia — E a cidade? E a construção? A Senhora acompanhava? Ia lá ver?

D. Dolores — As vezes, quando era

dente Juscelino para ficar aqui no Catetinho para explicar como nasceu Brasília. Outro dia chegaram aqui alguns guias turísticos mentindo para os turistas e eu disse que aqui no Catetinho eu não permitia que ninguém mentisse. Porque dizem que aqui jipe descia de parapequias, cimento e tijolo, também. Não tem nada disso não. É verdade que aqui era atrasado, mas tinha estradas que vinham de Paracatu, Cristalina, Luziânia, Planaltina, Formosa. Então, muitos chegam aqui contando certas histórias mas, como eu já disse, não na minha presença, que não admito falar mal do Juscelino e de Brasília, porque muitas dessas coisas não aconteceram.

OSCAR NIEMEYER

O Catetinho foi a medida inicial para Juscelino poder ir lá aos sábados. Foi um período muito bom, em que a gente ficava conversando sobre Brasília junto com o pessoal que tocava violão. De modo que foi uma época com um pouco de boemia, não é, mas com muito trabalho, muito amor, muita vontade de realizar a nova Capital, e Juscelino a contar as peripécias que ele pensava fazer, que Brasília seria a cidade mais bonita do mundo, com aquele entusiasmo delirante que ele tinha, não é, o que lhe permitiu construir a nova Capital.

DONA DOLORES, A COZINHEIRA DO CATETINHO

Tânia Quaresma — Parece que tinha poucas mulheres na época da construção de Brasília. Como é que a Senhora chegou aqui no Catetinho?

D. Dolores — Bom, eu fui convidada, não é? Eu já tinha trabalhado na campanha do Presidente e durante a campanha eu ajudava a fazer salgadinhos, não é?

Tânia — Onde?

D. Dolores — Em Belo Horizonte.

Tânia — A Senhora é mineira?

D. Dolores — Sou. Ai então me convidaram. Não tinha quem trabalhasse aqui e me convidaram para vir.

Tânia — O que a senhora pensou que fosse encontrar aqui?

D. Dolores — Eu pensei que chegaria numa cidade. Quando cheguei tive a maior surpresa do mundo: nem o próprio Catetinho estava terminado. Só tinha a metade... Era uma espécie de lugar onde se guarda animais e não tinha nem fogão. O fogão era feito de alguns tijolos onde se colocava panelões enormes.

Tânia — A Senhora gosta de cozinhar?

D. Dolores — Gosto.

Tânia — Então é uma profissão com prazer.

D. Dolores — E, e com muito prazer. Eu já era cozinheira, gosto muito de cozinhar, de fazer banquetes.

Tânia — Qual era o prato preferido de Juscelino?

D. Dolores — Bem, quando nós chegamos, eu recebi uma ordem do Dr. Israel para que se fosse feita comida tradicional mineira, comida de roça, sabe?

Tânia — Como era a comida?

D. Dolores — Comida para ser tradicional mineira e de roça tinha que ter frango ao molho pardo, frango com quiabo, angu, que mineiro gosta muito, tutu de feijão, lombo de porco...

Tânia — Juscelino comia muito.

D. Dolores — Comia muito bem. Tinha um apetite muito bom, tinha uma boa boca muito boa, aceitava tudo muito bem. Quando a gente perguntava a ele: "Presidente, o que o senhor quer comer hoje?", ele dizia: "Qualquer coisa". Então a gente caprichava nas coisas pra ele, não é?

Tânia — O que foi que lhe deu mais emoção nessa época de trabalho aqui no Catetinho?

D. Dolores — Um dia... Porque quando eu trabalhei na campanha meu filho e minha filha ficaram de se empregar. Depois, na ida do Presidente para o Rio, a gente ficou assim como um filho sem pai. Ai então eu cheguei aqui e na primeira visita dele eu fui lhe falar. Tinha não sei um ano que eu não via ele. Ai eu tive uma emoção muito grande de falar com ele, de ver ele, como candidato, eu trabalhando para ele, e depois ele como Presidente. Ai, meu Deus! Foi uma coisa, sabe? Tive uma emoção enorme, mesmo. Foi o dia de mais emoção que tive aqui.

Tânia — E a cidade? E a construção? A Senhora acompanhava? Ia lá ver?

D. Dolores — As vezes, quando era

domingo, quando não tinha Presidente, não tinha ninguém, o Dr. Vasco, que tinha um jipe, sempre me dizia: "D. Dolores, a senhora não quer dar uma volta, um passeio, ir visitar o Aeroporto?" O aeroporto quando começou a ser construído. Ai, eu resolvi ir, e fui para o aeroporto. Cheguei lá e o que vi foi muita máquina, muita coisa. Eu não entendia nada daquilo. Olhei o aeroporto e voltei. Num outro dia, bem depois, o Dr. Vasco me convidou para ir visitar a Rodoviária. O Presidente tinha estado aqui, tinha dado muito trabalho. Ai o Dr. Vasco me perguntou: "A Senhora não quer ir visitar a Rodoviária, D. Dolores?" E então eu fui. Cheguei lá e vi aquela montanha de terra. Ai me disseram: "Aqui vai ser a Praça dos Três Poderes". Eu olhei e não vi nada. Não vi nada. Ai voltei. E ele me perguntou: "Como é que é, D. Dolores, foi bonito o passeio?" Ai eu respondi: "Estava muito bom". Mas eu mesmo não tinha entendido nada. Eles sempre me levavam para ver as construções. Eu não via nada, sabe? Fui visitar também a Cachoeira do Paranoá. Eu gostava muito dos passeios, mas a única coisa que eu vi mesmo, que era natural, que eu soube entender o que era foi a Cachoeira do Paranoá. Eu não entendia nada de construção, não é?

Tânia — Parece que a cantoria aqui era danada...

D. Dolores — Era boa. Mas era boa mesmo quando o Presidente estava. Ai o Cesar e o João Milton Prates, o saudoso João Milton Prates e outros amigos dele ficavam ali fora cantando e eu aqui na cozinha.

Tânia — Que música eles cantavam?

D. Dolores — Eles cantavam o "Peixe Vivo", "Elvira, Escuta"... O Cesar Prates, por exemplo, gostava de cantar "Elvira, Escuta". Me lembrei agora de uma passagem: do presidente Craveiro Lopes, de Portugal, esteve hospedado no Catetinho, por 6 dias, eu não me dei por 6 dias e 6 noites. Eu cozinhava para 600, 700 pessoas. Aqui tinha um chuveiro muito bom. Eu tomava um banho bem gostoso e voltava para o trabalho.

Tânia — Valeu a pena, D. Dolores?

D. Dolores — Valeu. Porque eu vejo essa Brasília tão maravilhosa... As vezes eu olho e fico pensando: 27 anos... Eu nunca vi falar que isso tivesse acontecido em outro lugar. Então valeu a pena, não é? Eu fico muito contente. De vez em quando tem um jantar, a gente se reúne, e eu fico muito contente, muito satisfeita mesmo.

CESAR PRATES

Tânia Quaresma — Qual foi sua primeira ligação com Brasília?

Cesar Prates — Minha primeira ligação com Brasília foi no dia em que o Dr. Israel Pinheiro saiu do Catete nomeado Presidente da Novacap e de lá mesmo saiu incumbido pelo presidente Juscelino de me procurar para que eu fosse o Relações Públicas da Novacap. O Dr. Israel passou lá no Juca's Bar, chamou-me e também ao João Milton Prates e de lá fomos para o IAPI, pois naquele tempo ainda a Novacap não tinha escritório. Lá ele fez minha nomeação e me incumbiu de trazer para cá trinta barracas cedidas pelo general Lott, então Ministro da Guerra. Junto com os amigos reunidos lá no Juca's Bar, que ficava no Hotel Ambassador (na rua Senador Dantas, no Rio de Janeiro), resolvemos, em vez de trazer barracas, bolar uma casa de madeira para Juscelino morar. Sem que ele soubesse disso. Arranjamos dinheiro e fizemos o Catetinho. Eu até acredito, sem falsa modestia, que, se não fosse o Catetinho, se tivessem sido instaladas apenas as barracas, Brasília talvez não tivesse surgido. Quando o Presidente viu que os amigos boêmios dele, sem máquinas nem nada, fizeram isso aqui no coração do Brasil, deve ter imaginado o que os empreiteiros, os empregados, os construtores, que tinham máquinas, tinham tudo, poderiam fazer. Ai ele marcou as datas com o Marco Paulo Rabelo, o Camargo Correa, para inaugurar as obras e inaugurava. O Catetinho foi feito em dez dias por pessoas que não tinham a menor noção de construção, de qualquer coisa.

Tânia — Por que amigos boêmios?

Cesar Prates — Porque nos somos boêmios. Boemia no sentido bonito da vida, não é? Gostar de lua, de ar-

vores...

Tânia — Vocês cantavam muito aqui. Canta alguma coisa. Dizem que o Senhor tem uma voz muito bonita...

(Cesar Prates, acompanhado de D. Dolores, canta "Peixe Vivo").

COM TIÃO DA ONÇA

Tânia Quaresma — Por que Tião da Onça?

Tião da Onça — Porque, numa ocasião, era de noite, nós estávamos numa barraca de lona dada pelo general Lott para a gente se abrigar lá no Catetinho, até que ele fosse construído. Naquela manhã, perto da fazenda do Gama tinha um casal de oncas. Uma noite, eu, o José Joaquim dos Santos e o Francisco Rodrigues Monteiro, com quem vim do Rio, estávamos dormindo quando senti uma coisa me apalpar. Eu estava com uma espingarda dada pelo João Milton Prates. Abri a lona da barraca, vi um vulto lá fora e atirei. Aquele tiro acordou o mordomo do Catetinho, o Osório Reis, o Dr. Juscelino e outras pessoas. De manhã vieram me perguntar o que tinha acontecido e eu contei que sentira uma coisa me apalpar de fora da barraca de lona. Daquela dia em diante o Dr. Juscelino passou a me chamar de Tião da Onça. Sempre que me via nas obras e lá mesmo no Catetinho me chamava de Tião da Onça.

Tânia — Quando você veio para Brasília e por quê?

Tião da Onça — Eu trabalhava com o Dr. Juca Chaves, que era amigo de Juscelino. Quando ele era governador de Minas, o Dr. Juca Chaves tocou muitas obras lá. Quando vim para Brasília eu trabalhava numa obra do Dr. Juca Chaves, na rua Barão da Torre, em Ipanema, em 1956. Eu era o encarregado geral da firma do Dr. Juca. Como eu cuidava da parte hidráulica das obras dele e era muito amigo da família, ele me convidou. E explicou que não era um lugar de conforto, era tudo mato, não tinha nada pra comer. Mas queria que eu viesse porque, além de operário de confiança dele, era amigo da família. Eu me senti honrado com o convite, preparei a mala e vlei mos. Chegamos à noite e no dia seguinte começamos a lavar madeira. Pra dormir nos amarramos umas cobertas no arvoredor que existia ali perto do Catetinho, uma espécie de rede, e ali dormimos os três.

Tânia — O Senhor veio para fazer que trabalho?

Tião da Onça — Vim para fazer as instalações hidráulicas do Catetinho.

Tânia — Quer dizer que o Senhor é o operário número um de Brasília?

Tião da Onça — É, eu sou um dos um de Brasília. Tenho muita honra porque era uma obra que ninguém, nem eu, esperava que aqui ia ser uma Capital. Era um lugar que não tinha um prego sequer, um grão de areia. Só se via mato, lobo, bandos de ema pelos campos.

Tânia — Era o lobo guará?

Tião da Onça — Era. Muito perigoso. Nós andávamos com uma foice de cabo comprido. Até me lembro de uma manhã em que eu, o José Joaquim dos Santos, nos preparávamos para ligar o gerador que ligaria a bomba d'água-da caixa. Nós estávamos vestidos com uma capa preta, segurando uma foice, com um capacete, e o Dr. Israel, vendo aquilo, disse: "Será que é minha vista ou estou vendo um fantasma?"

Tânia — O Senhor estava presente quando o Juscelino chegou e deu de cara com o Catetinho pronto?

Tião da Onça — Foi uma obra que ninguém pensava que ia acontecer. Eu trabalhei nos primeiros blocos construídos na 108 Sul. Eu buscava água, de caminhão, numa bica, num correio, que vinha lá do Guarã. A água eu despejava nos reservatórios instalados ali onde hoje e a rua da Igreja. Em 1960 eu trouxe minha família para Brasília. Acabei de criar aqui meus filhos e meus netos.

Tânia — Você mora onde?

Tião da Onça — Em Taguatinga, num apartamento alugado. Minha casa mesmo ainda é um ranchoquinho.

Tânia — Você tem casa alugada e na época tanta gente conseguiu casa. Por que você não tem uma casa sua?

Tião da Onça — Quem trabalhou, quem veio para Brasília para realmente trabalhar na obra, construir para em 1960 inaugurar Brasília, não teve tempo de arranjar nenhum lote.